

# PEDAGOGIA WALDORF, UM OLHAR DIFERENTE À EDUCAÇÃO

*César Augusto Bachega (UEMS)*

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de mostrar e divulgar a 'Pedagogia Waldorf', por meio de estudo teórico. Nesta pedagogia, a educação durante a infância e a adolescência é desenvolvida com base na Antroposofia, que é a ciência do espírito.

**Palavras-chave:** Educação. Antroposofia. Pedagogia Waldorf. Ensino Básico.

**Abstract:** This article has the objective to show and to divulge 'Pedagogia Waldorf', by means of theoretical study. In this pedagogy, the education during infancy and the adolescence are developed on the basis of the Antroposofy, that is, the science of the spirit.

**Key-words:** Education. Antroposofy. Waldorf Pedagogy. Basic Education.

## INTRODUÇÃO

Torna-se complicado estudar a Pedagogia Waldorf sem observar antes a Antroposofia, haja vista que esta não é religião, mas sim um conjunto de afirmações teóricas baseado no estudo do espírito da pessoa. Apesar de suas construções serem baseadas em preceitos que muito se assemelham à religião, não quer dizer a mesma coisa. A Antroposofia é entendida como a visão do Universo e do Homem obtida por meio de métodos científicos, respeitando a liberdade espiritual de cada indivíduo. Assim, Lanz (1997, p.15-16) explicita:

[...] a Antroposofia não é religião nem seita religiosa. Distingue-se da especulação filosófica por seu fundamento em fatos concretos e verificáveis, e distingue-se de caminhos esotéricos e do espiritismo pelo fato do pesquisador, conservar-se dentro dos métodos por ela preconizados, mantendo sua plena consciência, sem qualquer transe, mediunismo ou estados extáticos ou de excitação artificial.

A Antroposofia é ciência! Mas é uma ciência que ultrapassa os limites com os quais até agora esbarrou a ciência 'comum'. Ela procede cientificamente pela observação, descrição e interpretação dos fatos. E é mais que uma teoria, um edifício de afirmações. Com efeito, ela admite e reconhece todas as descobertas das ciências naturais comuns, embora as complete e interprete com suas descobertas. Sobretudo tem feito, em todos os domínios da vida prática, muitas contribuições e inovações concretas e positivas – o que constitui a verdadeira pedra-de-toque de seus princípios.

A partir deste pressuposto científico que a entidade humana é vista e entendida de uma forma diferente das religiões que são existentes e atuantes.

**An. Sciencult, v.1, n.1, Paranaíba, 2009.**

O homem é visto como um ser constituído de três corpos, sendo o primeiro o ‘corpo físico’, este que todos possuem, de várias formas e constituído pelos mesmos elementos encontrados na natureza, assim entendemos a antiga premissa de que “viemos do pó e a ele voltaremos”, percebendo-se uma alusão à vida e morte como conseqüência da existência neste mundo. Não fazendo nenhuma negação do mesmo pressuposto encontrado na bíblia.

O segundo corpo pode ser chamado de ‘*corpo de forças plasmadoras ou corpo etérico*’. Este é o responsável pela vida, atuando sempre contra a morte. Ele é um conjunto individualizado e delimitado de forças vitais. Sua desfunção é observada pelo processo de mineralização do corpo físico que fatalmente levará à morte por meio do contínuo enfraquecimento das forças plasmadoras deste corpo. Este, por sua vez, aparece como um campo de forças ao redor do corpo físico, não sendo observado pelos olhos humanos, e sim por uma clarividência que já era comum a povos antigos, mas que nos tempos atuais mostra-se cada vez mais distante de nossa realidade.

Há um terceiro veículo que é o responsável pelas sensações, simpatias e antipatias, instintos e paixões, enfim um “carro” responsável por toda a carga emocional desde o instinto mais primitivo até o sentimento mais nobre e sublime. Este veículo é o ‘*corpo astral*’, o responsável em receber os impulsos e impressões dos mundos físicos e superiores. É com ele que o homem reage, pensa e entra em intercâmbio com a realidade. Seus aspectos dependem dos sentimentos que prevalecem no indivíduo observado, ou seja, quanto mais puros e menos egoístas os sentimentos, mais claro e brilhante será o corpo astral, sendo chamado também de ‘aura’. Desta forma a Antroposofia nos mostra que em tempos remotos a clarividência era algo difundido em todos os seres, e assim podemos observar hoje, como resultado disso, imagens com suas ‘auréolas’ – na pintura ocidental – e suas ‘mandorlas’ – observadas na Índia.

Esses corpos existem em todos os seres, porém a distinção entre um indivíduo e outro dar-se-á pelo ‘eu’ existente em cada um destes. Este ‘eu’ é definido de acordo com Lanz (1997, p. 27) como “um centro autônomo de sua personalidade, que constitui o âmago de sua essência e do qual ele tem uma experiência direta e insofismável. Ao falar desse centro ele diz ‘eu’, sendo esse ‘eu’ ou ego – a verdadeira parcela espiritual – o que o distingue do animal.” É este quarto elemento constituinte do ser que dá a individualidade de cada um.

Neste contexto Lanz (1997, p. 28) define o homem como

criação e criador. Criado por forças exteriores a ele, libertou-se dessas forças criadoras, tornando-se autônomo e criador. Ele continua a obra da Criação; como pensador, filósofo ou artista, acrescenta ao mundo algo de novo. Sua liberdade está em oposição ao determinismo inelutável que domina os reinos inferiores.

É o resultado da criação que a continuará. São estes seres que com sua individualidade darão continuidade e serão responsáveis pela vida na Terra. Então, observa-se a carga de responsabilidade que cada ser humano tem em relação a sua existência e a do próximo. Nesta linha de pensamento que pode-se entender a escola, uma instituição repleta de condutores do futuro, a formadora e responsável por alertá-los de suas responsabilidade e mostrar-lhes a possível conseqüência de seus atos, sejam estes bons ou ruins.

Nesse entendimento, a educação do ser não pode ser vista como algo industrial, ou seja, a educação não deve ser mais um artefato usado assim como as máquinas de produção em série. A

educação que podemos observar hoje é o oposto do que preconiza a Pedagogia Waldorf. Vivemos em uma época onde o conhecimento tem se tornado cada vez mais compartimentalizado, onde o profissional só tem seu foco direcionado para sua área específica e não se observa uma formação global e integral do ser.

O material humano resultante de nossas escolas tradicionais tem cada vez mais se tornado vulnerável, não havendo uma certa ‘capacidade’ para resolução nem do que se postula em sua profissão, quiçá no âmbito da formação moral, da personalidade, da integração e do idealismo social.

Observada essa crise de tangência educacional, a Pedagogia Waldorf propõe uma educação baseada no ser humano, respeitando todas as suas qualidades em seus níveis de desenvolvimento tanto intelectual quanto moral e social. Não se pretende aqui dar a receita ou a solução dos problemas educacionais, mas uma alternativa como um meio de formação integral do ser.

Pontuados todos esses aspectos, a Pedagogia Waldorf tem como ponto central a relação aluno-professor, baseando-se numa relação humana e inter-humana, ressaltando sempre que o homem é criatura deste contexto, mas também não deixa de ser o criador, uma vez que para isso ele contribui em várias dimensões. Há nessa pedagogia o respeito por todas as religiões, porém esta não terá razão de ser, senão baseada na Antroposofia.

É no jardim-de-infância onde começa essa relação entre professor e aluno. A princípio, na Pedagogia Waldorf, não deveria existir o jardim de infância, porém face às necessidades do mundo moderno este foi institucionalizado e é desenvolvido de uma forma diferente das escolas tradicionais. As salas de jardim são constituídas de alunos de todas as idades (3 a 7 anos), pois os maiores serão, assim, um pouco responsáveis pelos menores, além de tudo, deverá ter dois profissionais trabalhando em cada sala para que possa haver uma ‘réplica’ de uma família, em que há dois responsáveis e uma diversidade de seres, um brincar com o outro como em um ambiente harmônico e fraternal, esperando-se aí uma imitação da família, já que o ensino do jardim é baseado na imitação. Segundo Lanz (1997) o jardim seria uma forma supletiva, revestindo-se de uma importância cada vez maior, para garantir o desenvolvimento, tão normal e sadio quanto possível, dos pequenos menores de sete anos.

No jardim de uma escola Waldorf, valoriza-se a educação em um contexto social, as habilidades de comum convivência entre seres é valorizada mais que o ensino de conteúdos, ou melhor não ensina-se, de forma alguma, nenhum conteúdo no jardim de infância, seja uma introdução às primeiras letras ou noção de conjuntos, número ou algo do tipo.

Neste nível escolar os alunos tem funções que eles possam desenvolver para um caminhar harmonioso do ambiente escolar. Todas as ações são praticadas de forma rítmica e coletiva, sem ordens, estas só enfraqueceriam a vontade da criança, além de criar um clima de tensão que prejudicaria a harmonia do trabalho.

Segundo Lanz (1997, p. 111):

Todo o ambiente do jardim-de-infância deve ser acolhedor e aconchegante. Nenhum objeto deveria destoar da harmonia do ambiente, nenhuma caricatura tirada de desenhos animados ou de revistas em quadrinhos pode ser tolerada nesse pequeno santuário das crianças [...]. A criança deve adquirir confiança no mundo: cada objeto, por seu material, deve ser o que parece ser. Daí a exigência de materiais naturais: madeira, pedras, panos de fibra natural, etc. Nada de

material plástico, sintético, símbolos de um mundo de mentira e de pseudovalores.

Dessa solidez e desse aconchego nasce uma extraordinária segurança e confiança no mundo dos adultos, no mundo em geral: o mundo é bom! Este deveria ser o elemento básico do ambiente que constitui o fundamento de uma autêntica religiosidade da criança pequena.

É contra a Pedagogia Waldorf uma sistematização do ensino, porém algumas atividades são comuns em várias escolas, assim o aluno do jardim-de-infância teria como atividade o brincar livre e o dirigido, pintar, modelar, recortar, dramatizar, arrumar e organizar todo o ambiente para o lanche, desde pôr a mesa até lavar e guardar as louças, regar plantas, arrumar a sala, guardar brinquedos. Tudo isso sem constrangimento, naturalmente. Neste processo o professor não deve ordenar quem fará as atividades e sim sugerir que estas sejam desenvolvidas, assim cada aluno será capaz, por meio de seu querer, executar alguma atividade. Neste nível, cada sala deveria ter um pátio com alguns obstáculos como pequenos morros, árvores, balanços, gangorras entre outros.

No jardim o dia é dividido ritmicamente, se possível com períodos de atividade comum, alternando-se com jogos e ocupações em que a criança brinca por si só. As ocupações, isoladas ou em grupos, nunca devem ser passatempos improvisados, mas sim obedecer a um plano previamente elaborado.

Atividades com materiais que fluem e são facilmente moldáveis são de suma importância, pois são eles que correspondem à fluidez das forças etéricas na criança, sentindo-se cada vez mais atraídas por materiais que possam estar em constante movimento.

Brinquedos como tocos de madeira e bonecas confeccionadas pelos pais e comunidade – é importante ressaltar que essas bonecas não tem nenhuma expressão facial – são de fundamental importância no jardim-de-infância, pois com estes brinquedos os alunos poderão desenvolver toda sua criatividade e exercitar toda sua atividade imaginativa, usando os tocos de madeira as crianças poderão construir, por exemplo, carros, casas, fazendas, entre outros e com suas bonecas sem faces poderão dar ares de alegres, tristes, bravas, assim como sua imaginação e criatividade ordenar.

Um ponto de suma importância no jardim-de-infância é a hora do *conto de fada*. Esses contos são os de autêntico cunho populares e que trazem um pano de fundo um conteúdo sábio, que transmite de forma imaginativa, verdades e realidades de ordem espiritual cujo objetivo é a apresentação da evolução espiritual da humanidade e do indivíduo. Assim, Lanz (1997, p. 113) ressalta que:

Nas grandiosas imagens dos contos, encontramos os grandes princípios diretores da evolução humana: o estado original de harmonia e perfeição (o reino); a queda (a madrasta, andanças pela floresta); a perda da harmonia original (o mundo das pedras, os sofrimentos), as tentações (dragões, fadas más), o despertar da inteligência (anões que auxiliam, outros seres elementares), a alma que luta (a princesa vestida de trapos, ou o príncipe que passa por dificuldades), a redenção final, isto é, a purificação como volta a um estado de harmonia (o casamento feliz da princesa com o príncipe), etc. Em

seus mínimos detalhes, os autênticos contos de fadas revelam essa origem oculta que, para gerações remotas, continha toda a moralidade de que estas precisavam, além de satisfazer sua curiosidade histórica.

Estes contos são em grande parte aqueles conhecidos como Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, Rapunzel, A Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela, entre outros, a maioria são dos Irmãos Grimm, que retratam essa inconsciente busca de valores humanos e fraternais, que pela repetição que as crianças tanto gostam, são introjetados em suas almas. É esse também a primeira forma de ensino da história, mas um ensino muito mais verdadeiro do que muitas pesquisas arqueológicas.

Ao professor cabe a tarefa de contar de forma real, evitando-se a leitura desses contos, para que os mesmos tenham efeito tanto nos pontos de felicidade quanto de crueldade em que estão envolvidos, tornando-se assim os reais transmissores destes elementos constitutivos do ser humano, para que de alguma forma em uma posterioridade eles possam ser motivo de conhecimento dos valores que a todo momento os cercarão.

O jardim-de-infância é apenas uma solução emergencial para a atual situação das famílias. O grande objetivo e preocupação da Pedagogia Waldorf é o ensino fundamental e o ensino médio. É neste período da vida em que a formação dar-se-á por meio da formação da personalidade, em momento algum é intenção desta pedagogia ensinar somente o modo como ser e/ou como viver na sociedade, mas sim aliar esta formação a formação cultural e cognitiva dos educandos.

O ensino fundamental é composto de oito anos e o ensino médio de quatro anos. No ensino fundamental, a turma teria apenas um professor, o mesmo conduziria a turma por esses oito anos. Isso se dá devido à meta da educação Waldorf não ser a(s) matéria(s) e sim a classe. O professor de classe será responsável pelas matérias tradicionais (linguagem, aritmética, geografia, história, física etc.) e com outras matérias que sentir afinidade, as demais serão ministradas por outros professores, então, o conjunto desses professores formará um grupo à parte, cujo trabalho deverá andar em sintonia. As ações a serem tomadas para a turma e em benefício desta serão discutidas por esse grupo e é por meio da troca de impressões sobre os alunos que essas decisões serão tomadas.

Com esse trabalho, o professor Waldorf acaba se tornando um 'ente' da família, alguém que conhece e divide alguns aspectos com a mesma, e assim sendo ele será convidado a cultivar um contato com os pais. Estabelecido esse contato por meio de visitas e conversas com a família o professor será capaz de desenvolver um trabalho observando as minúcias de cunho pessoal de cada aluno. Assim, o professor possuirá critérios mais específicos para desenvolver um trabalho pedagógico que vá de acordo com os anseios da família ajudando-a corrigir, amenizar, reforçar, compensar e sublimar os aspectos de sua vivência sem partilhar do mesmo sentimentalismo contido em seus pais.

O professor de classe acaba tornando-se um modelo querido e venerado por seus alunos. Os alunos passam, assim, a ter uma cosmovisão homogênea das matérias, marcada por essa personalidade. Para o professor esses oito anos são de desenvolvimento interior, uma vez que se ele cair na rotina, sua sala de aula não terá mais sentido.

No ensino médio, poderá haver algumas alterações quanto a compartimentalização do ensino, ou divisão deste por área de afinidade ou pretensões profissionais dos alunos, essa

variação acontecerá de acordo com as diversas legislações educacionais, porém não é intuito desta pedagogia que isso ocorra, segundo Lanz (1997, p.116):

o ideal é que todo jovem, independentemente de sua origem, condição social ou econômica, receba o mesmo tipo de educação, ou seja, aquele que lhe faculte o pleno desenvolvimento de sua personalidade humana. Depois desse ensino geral, haveria o preparo profissional, de acordo com os dons e capacidades dos jovens.

O ensino básico, quando pensado dentro dos parâmetros da Pedagogia Waldorf, é constituído de doze anos, excluindo-se o jardim de infância. A educação plena do ser, esta vista como formação pessoal e não profissional, deverá ser dada até os dezoito anos independentemente de raça, credo, condição social, desde que este indivíduo possua todas as aptidões necessárias para frequentar uma escola. Assim, as crianças excepcionais frequentam um instituto adequado as suas necessidades.

Neste contexto os professores são o centro vivo da escola, é o profissional responsável pela turma durante os oito primeiros anos de ensino, ele será o responsável por todas as disciplinas pelas quais sente afinidade, tornando-se assim o professor de classe. Essas disciplinas são as mais variadas possíveis, assim como linguagem e expressão, língua estrangeira, história, geografia, matemática e geometria, matérias científicas, estando inclusas no currículo atividades como jardinagem, desenho de forma, religião, excursões, apresentações entre outras. É nessa convivência diária por meio dessas atividades que o professor junto com sua turma constroem o conhecimento baseado na evolução do ser.

Na escola Waldorf o professor é um pedagogo autônomo, responsável apenas perante sua consciência pedagógica. Esses 'funcionários' são escolhidos por meio de sua personalidade, sua capacidade pedagógica, seus conhecimentos e sua experiência de vida, não havendo a necessidade de uma formação especializada representada por um diploma.

O professor Waldorf é um ser autônomo devendo respeitar o espírito da escola, não destoando dos princípios Waldorf e da Antroposofia. Uma vez que este profissional não compartilhe desta visão antroposófica, ele deverá ao menos aceitá-las, em todos seus aspectos práticos dos princípios pedagógicos, bem como se abster de qualquer ato ou atitude que possa ter efeitos negativos sobre a imagem da Antroposofia e da Pedagogia Waldorf.

Ele deverá estar imbuído de qualidades assim como a de um conhecimento profundo do ser humano, para que não haja a rotulação de seus alunos. Ter o amor como base do comportamento social, ocorrendo automaticamente do fundo espiritual da Pedagogia Waldorf e também de qualidades artísticas, qualidades essas que não são as mesmas contidas na essência da palavra, mas sim o poder de criar, imaginar e fantasiar moldando cada aluno como uma verdadeira e preciosa obra de arte.

Ao buscar essa educação humana, a Pedagogia Waldorf centraliza seu objetivo não apenas na transmissão de conteúdos, mas sim no chamado ensinar a aprender. É muito mais valioso, na disciplina de geografia, por exemplo, que se traga fotos de uma determinada região, quando esta estiver sendo estudada em sua época, para que os alunos conheçam e questionem o que acontece nesta região, colocando o ensino num profundo contexto cultural e não informacional.

Tendo um conhecimento real e efetivo de cada aluno o professor de classe (como é chamado o professor que acompanha a turma durante os oito anos do ensino fundamental), é o responsável pelas disciplinas de época e outras com as quais ele tiver afinidades, desse modo ele se encontra totalmente capaz para avaliar o aluno sem o uso de instrumentos tradicionais de mensuração do conhecimento. Na Pedagogia Waldorf não existe um modelo de avaliação padrão, o aluno é avaliado de acordo com suas potencialidades e não há mensuração periódica e quantitativa, normalmente observa-se um relatório anual contendo o desenvolvimento cognitivo, social e moral de cada aluno, no final de cada período letivo; esse relatório se dá por meio da evolução de cada aluno em relação a si próprio e suas habilidades e não em comparação com a turma ou um modelo padrão. De fato, o aluno só terá contato com suas 'notas' quando deixar a escola e passar para uma instituição de ensino que exija esses conceitos. Assim um aluno só repete de ano se houver um consenso entre pais, professores que lidam com esse aluno e o médico escolar e se for observado que o mesmo está retardado em todo o seu desenvolvimento (intelectual, psíquico e físico), mas sem constituir um caso patológico grave. Neste contexto a intenção dessa repetição é que o aluno desperte de forma harmônica e não mecanizada para as disciplinas não aprendidas, tendo um desenvolvimento social e humanístico junto com os demais colegas.

Portanto, a avaliação só será realmente quantificada quando o aluno estiver saindo desta escola para o sistema tradicional de ensino. Caso contrário ele não terá nenhum contato com quantificações de sua aprendizagem.

O currículo Waldorf é variável em cada região onde este ensino é oferecido, sempre se adequando as legislações vigentes. Não só é oferecido o conteúdo mínimo exigido por cada legislação, mas também um conteúdo complementar que busca o desenvolvimento integral do ser. Quanto a isso Lanz (1997, p. 123) explicita que Rudolf Steiner

foi tão enfático quanto irredutível: o método Waldorf, desde que aplicado criteriosamente, deixa os alunos perfeitamente preparados. Essa idéia ainda prevalece hoje: desde que o ensino abranja o conteúdo das matérias, e desde que todas as características da Pedagogia Waldorf, principalmente a economia do ensino, sejam aplicadas desde o início, os alunos Waldorf se tornam, segundo garantiu Steiner, tão bem preparados quanto os de outras escolas. A experiência feita em tantas décadas confirma plenamente essa afirmação.

Algumas disciplinas são: a linguagem, compreendida como fala, escrita e leitura, desenvolvida como escrita nos dois primeiros anos do ensino fundamental e estudada a gramática ao longo dos demais anos escolares, desenvolvendo a capacidade de leitura, compreensão e produção (escrita) de contos, histórias, redações e demais meios.

A história e geografia são introduzidas a partir do quinto ano, sendo no início demonstradas por meio de imagens e contos de lendas e mitos clássicos, posteriormente o caráter científico será cada vez mais aprofundado no ensino médio.

A língua estrangeira é ensinada no final do último setênio, sempre por meio da imitação, no início o professor desenvolve conversas sobre o meio com seus alunos no idioma ensinado, sem tradução, para que realmente haja essa repetição e posterior assimilação por parte dos alunos.

Sempre buscando os aspectos cotidiano e cultural, essa língua será ensinada com mais teor gramatical e pela expressão de sua literatura ao longo dos demais anos de ensino.

A matemática e a geometria são ensinadas de forma viva e a partir do seu aspecto analítico, ou seja, não se busca o resultado e sim as possibilidades de se chegar a tal resultado. De forma dinâmica e viva a matemática e geometria começa a ser ensinada desde os primeiros anos do ensino fundamental evoluindo em seu aspecto abstrato, porém jamais deixando de demonstrar sua forma viva e relativa à realidade dos alunos.

De acordo com o princípio da Pedagogia Waldorf o ensino das matérias científicas também será feito partindo-se do real para o abstrato, assim com as ciências, essas entendidas como zoologia, botânica, mineralogia, química e física, vai trazendo além do conhecimento científico e cultural, questões que perpassam a visão da ciência comum, que seria o estudo destes objetos, trazendo pra estes educandos de forma implícita todo um conhecimento espiritual e cósmico que os rodeiam.

As artes é um campo que não serve apenas de adorno, como em algumas escolas comuns a nossa realidade, segundo Lanz (1997, p. 135) ela

apela ao sentimento e à ação do aluno: ele tem de fazer algo com as mãos ou outras partes do corpo – tem de criar algo que seja resultado de sua fantasia, usando a vontade, a perseverança, a coordenação psicomotora, o senso estético. Por isso essas matérias têm alto valor pedagógico e terapêutico, quando exercitadas com regularidade.

Assim a importância das artes está em vivenciar o abstrato e dar vida à criatividade dos alunos, tornar real todo o conhecimento abstrato por meio de seu sentir e querer.

A jardinagem é outra disciplina de suma importância para o desenvolvimento dos alunos, alertando-os para o cuidado com a natureza, o cultivo de plantas, por vezes frutíferas que darão alimentos a eles, ligando-os à uma realidade que nem sempre é a que vivenciam.

Os desenhos de formas servem para a atuação quanto ao corpo etérico, dosando formas redondas e angulares, pode-se trabalhar de uma forma terapêutica, ativando as funções deste corpo que é atuar a favor da vida e ao mesmo tempo atuar sobre a personalidade de cada aluno, orientando-os para um bom desabrochar harmonioso em sua vida.

O ensino religioso é dado sem nenhuma seqüência dogmática, é discutido a princípio textos do Novo Testamento e posteriormente do Velho Testamento encontrados na Bíblia, palestras com representantes de diversas religiões frequentemente são marcadas, mas não há um segmento nem um estudo sistemático de alguma delas nem o estudo da Antroposofia. O ensino religioso, aquele em que se segue algum dogma, deveria ser feito com a família, em casa, respeitando as diversas crenças, o que há na Escola Waldorf é um ensino baseado nos princípios cristãos e por consequência um estudo de textos da bíblia.

As festas, apresentações e excursões constituem um outro campo curricular onde os alunos demonstrarão seus conhecimentos, apresentarão peças e terão um real contato com

**An. Sciencult, v.1, n.1, Paranaíba, 2009.**



os conteúdos aprendidos em sala, ou até mesmo partirão destas excursões para posteriores teorizações de conteúdos. É de suma importância a demonstração em festas periódicas de versos, cantos e poesias aprendidas em sala, isso além de socializar o educando torna-o participante ativo das atividades sociais da escola e para o professor mostra a capacidade de demonstração de conhecimento por parte dos mesmos, oportunizando a este uma avaliação e conhecimento mais profundo de seu aluno.

Concluí que, partindo do princípio de que a Pedagogia Waldorf forma e as outras pedagogias informam, podemos observar o trabalho diferenciado dado aos alunos durante sua formação humana na Educação Básica.

Face a presente exigência deste mundo globalizado, no Ensino Médio já existem algumas modificações estruturais para que estes alunos não saiam totalmente despreparados para o mercado de trabalho, porém este não é o objetivo maior. O intuito desta Pedagogia é formar o ser humano, entendendo o homem como um ser tríplice e capaz e evoluir.

O conjunto de pais, professores e demais profissionais envolvidos no ambiente educacional formará a comunidade escolar diretora desta instituição, assim a família tem também seu papel fundamental na educação tanto de seus filhos quanto dos demais alunos da instituição. A família deve ter consciência de que tem uma relação direta com a escola e que esta não pode dar sozinha toda educação de que seu filho necessita.

O aluno, visto como um ser que evolui não é avaliado de forma tradicional, assustando-o, ele é sim levado a um momento de aprendizagem e evolução em relação a si e não aos demais alunos da sala e nem a um modelo pré-estabelecido.

O professor, alma desta escola, será o responsável por guiar estes alunos para a construção de um ser humano dotado de valores morais e também culturais, não esquecendo-se dos conteúdos cognitivos de que os mesmos necessitam.

Pontuado estes aspectos, se espera que uma Escola Waldorf forme o ser humano e não somente preencha cada um com conteúdos que nem sempre serão utilizados em seu cotidiano. E não é pelo motivo destes alunos não terem um estudo rigoroso de conteúdos que os tornarão menos capazes que os outros, pois o que se enfatiza é o ensinar a aprender e o aprender a aprender. Tendo isso como pedra fundamental da Pedagogia Waldorf, o aprendizado de conteúdo torna-se mera consequência de uma construção do ser humano harmonioso e bem desenvolvido.

## **REFERÊNCIAS**

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. 6. ed. São Paulo: Antroposófica, 1998.

\_\_\_\_\_. **Noções básicas de antroposofia**. 4. ed. São Paulo: Antroposófica, 1997.